

NOTAS DE LEITURA A RESPEITO DA MODERNIDADE ENTRE OS PORTUGUESES

Angela Mendes de Almeida
julho 1989

No 1º Capítulo de *Visões do Paraíso*¹ Sérgio Buarque de Holanda, comentando os escritores que relatam os grandes descobrimentos quinhentistas, desenvolve a idéia de que os portugueses, apesar de parecerem "modernos", "por sua adesão ao real e ao imediato, sua capacidade, às vezes, de meticulosa observação, animada, quando muito, de algum interesse pragmático", participavam na verdade de "um tipo de mentalidade já arcaizante na sua época". Isso porque, ao contrário do que se possa pensar, em virtude do imenso desenvolvimento das ciências exatas e do domínio da natureza, que criou a "obstinada ilusão de que a capacidade de apreender o real se desenvolveu até os nossos dias numa progressão constante e retilínea", a mentalidade dos humanistas e do Renascimento não se caracterizava pelo realismo e pelo apego ao concreto, e sim por "indução audaciosas e delirantes imaginações", "pelo idealismo, pela fantasia e pelo senso de unidade." Pelo contrário, os portugueses estariam ainda imersos no universo mental dos homens da Idade Media, caracterizado por um "pedestre realismo e um particularismo próprios da arte medieval", na qual "até as figuras de anjos parecem renunciar ao vôo". Dentro deste espírito os portugueses seriam homens em quem "a tradição costumava primar sobre a invenção, e a credulidade sobre a imaginativa" e que "raramente chegavam a transcender em demasia o sensível, ou mesmo colori-lo, retificá-lo, simplificá-lo, segundo momentâneas exigências".

Assim sendo o autor lembra que ao contrário do que se possa crer a partir da citada "obstinada ilusão", o pensamento que num segundo momento daria lugar à Revolução Científica, e num terceiro ao Iluminismo, conheceu em seu primeiro momento o florescer de estudos de Retórica, de Magia, de Astrologia, de Alquimia, que nada têm de "moderno" aos nossos olhos atuais. Numa espécie de parênteses o autor lembra que se a Retórica pode ser considerada o braço

¹ São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1985.

"realista" do Renascimento, por "sua capacidade de aderir mais intimamente ao concreto e ao singular, ou ainda por sua eficácia maior como instrumento de persuasão", e nesse sentido uma espécie de ponte com o pensamento medieval, o que é mais característico dos humanistas é a conformação de um pensamento de todo oposto aos paradigmas do aristotelismo e da escolástica, contra os quais lutavam.

"Assim, as mesmas correntes espirituais (acaba de citar Bacon e Descartes) que irão desembocar a seu tempo na negação do sobrenatural, passando sucessivamente pelo naturalismo, o racionalismo, o agnosticismo e enfim o ateísmo sem reboço ou temor, parecem ocupadas, num primeiro momento, em retardar o mais possível, e por estranho que pareça, em contrariar a marcha no sentido da secularização crescente da vida: meta necessária, posto que nem sempre manifesta, dos seus esforços. De modo que não hesitam em ataviar, idealizar ou querer superar a qualquer preço o espetáculo mundano. Propondo-se uma realidade movediça e ativa, rica em imprevistos de toda sorte, elas destoam abertamente do tranqüilo realismo daqueles que ancorados na certeza de uma vida ditosa e perene, ainda que póstuma, consentem em aceitar o mundo atual assim como se oferece aos sentidos, e se recusam a vesti-lo de galas vãs." Só mais tarde, no seguimento da evolução do conhecimento humano, é que os homens dessas correntes espirituais que evoluem do Renascimento à Revolução Científica, e desta ao Iluminismo, perderão o "senso do impossível", expressão que Sérgio Buarque de Holanda retoma de Febvre, citando-o: "Os homens de 1541 não diziam: impossível. Eles não sabiam duvidar da possibilidade de um fato. Nenhuma noção de lei tirânica, absoluta, obrigatória limitava para eles a potência ilimitada de uma natureza incomensuravelmente criadora e produtora. A crítica do fato começará precisamente no dia em que esta noção de lei entrar em vigor universalmente - dia em, concomitantemente, a noção de 'impossível', tão fecunda apesar de sua aparências negativas, ganhará um sentido pleno."²

Continuando sua reflexão Sérgio Buarque de Holanda compara então a mentalidade dos renascentistas com o conformismo tranqüilo dos portugueses, apoiados nas certezas medievais. "O resultado é que uns, meio desenganados, talvez sem o saber, das promessas consoladoras, e movidos por uma desordenada impaciência, procuram ou já cuidam ter encontrado na vida presente o que os outros aguardam da futura, de sorte que o mundo, para suas imaginações, se converte num cenário prenhe de maravilhas. Aos últimos, porém, o viver quotidiano nem os deixa oprimidos, nem os desata dos cuidados

² Lucien Febvre, *Rabelais et le problème de l'incroyance au XVIe siècle*.

terrenos, e o freio que parece moderar sua fantasia é uma esperança crente e sossegada".

Os portugueses guiavam-se pela "madre das coisas", a experiência, citada por Duarte Pacheco Pereira no *Esmeraldo De Situ Orbi*: "podiam admitir o maravilhoso, e admitiam-no até de bom grado, mas só enquanto se achasse além da órbita de seu saber empírico". Essa é a tese principal de Sérgio Buarque de Holanda neste capítulo, embora ele, mais adiante, dê razão a Joaquim de Carvalho³ quando este afirma que esses portugueses, pelo fato mesmo de terem descoberto novas terras, e com tais descobertas enterrado velhas lendas e mitos geográficos sobre "a inabitabilidade das zonas tórridas, as dimensões da Terra, as imaginadas proporções das massas líquida e sólida de nosso planeta, os horríveis monstros antropológicos e zoológicos", etc., forneceram um aporte precioso ao desenvolvimento do pensamento científico. Mais não diz SBH e podemos interpretar como se estivesse afirmando e reafirmando que este aporte, precioso embora, vem de fora do núcleo central que vai desenvolver o pensamento científico, o qual parte de uma base "minada" pela imaginação, pela fantasia e pelas ciências ocultas.

Ora bem, esta ligeira introdução caracterizando os portugueses, que no âmbito do livro servirá apenas para reforçar sua tese de que estes teriam contribuído muito pouco para os mitos ligados à fantasia religiosa do encontro do paraíso, no que concerne à descoberta de terras americanas, tem o mérito de encaminhar para uma reflexão extremamente complexa, sofisticada e atualizada sobre a natureza do pensamento científico, materializada, por exemplo, nas interpretações do historiador da ciência Alexandre Koyré, entre outros.

Tomando como ponto de referência a contribuição de Galileu, ele mostra como os homens antes dele - quer dizer, o pensamento medieval - não tinham o equipamento mental (termo emprestado de L.Febvre, de seu clássico sobre Rabelais) que lhes permitisse colocar os problemas ao nível da ciência que posteriormente se elaborou, e particularmente não tinham a pretensão de resolver esses problemas através da matemática. O mundo pré-galilaico, ie, aristotélico, considerava todos os elementos da Terra, da natureza e do homem providos de uma qualidade particular, uma natureza própria, que impedia a sua comparação numérica e portanto obstaculizava a possibilidade de elevar a matemática a método de resolução dos problemas que se colocavam ao conhecimento humano. Por isso os homens desse período desenvolveram inúmeras técnicas, porém foram incapazes de aplicar a elas a ciência e fundar a

³ *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI.*

tecnologia. "A história da Idade Média dá-nos provas evidentes de que o pensamento técnico do senso comum não depende do pensamento científico."⁴ A Revolução Científica, no interior da qual a obra de Galileu representa um marco, constituiu uma ruptura com o pensamento anterior, inclusive com o pensamento técnico, reflexo de concepções filosóficas arraigadas, e nesse sentido uma ruptura com o senso comum. Isto por que a idéia de utilizar as noções rígidas e abstratas da matemática e da geometria na análise do real, partiu da preocupação de "atingir o que não cai na alçada dos sentidos." Galileu introduziu um método, o da experimentação (que é diferente da experiência), através do qual ele analisava a natureza. Mas para isso ele construiu uma linguagem para lê-la, uma teoria, que era uma linguagem matemática. Assim a ciência não nasce do desenvolvimento da técnica, e sim de uma ruptura com ela, o que inclui ir além do senso comum, da alçada dos sentidos, e, em certo sentido imaginar.

Portanto é fácil perceber que tipo de distorções teriam levado "à obstinada ilusão de que a capacidade de apreender o real se desenvolveu até os nossos dias numa progressão constante e retilínea", como nos diz Sérgio Buarque de Holanda; ou dito de outra forma, que mentalidade teria levado à difusão do "virus da epistemologia empirista e positivista" de que nos fala Koyré, epistemologia esta que teria descrito a história da Revolução Científica como produto da aceleração do puro desenvolvimento da técnica, ignorando a ruptura com o senso comum vigente então e a criação de uma teoria científica, uma linguagem teórica criada para ler a natureza, a Terra e o homem, a partir de uma visão do que poderia haver além dos sentidos, como nos diz Koyré. Ou como diz Sérgio Buarque de Holanda, através de "indicações audaciosas e delirantes imaginações". Ou como dizemos nós, com a imaginação científica.

Estas distorções estão diretamente ligadas aos postulados implícitos do pensamento científico moderno, que funcionam como uma "significação imaginária social", no dizer de C.Castoriadis⁵, ou uma mentalidade. Dentre estes postulados, a idéia de que o conhecimento científico tende para a ciência moderna e deve progredir linear e ilimitadamente, e de que existe uma onipotência virtual da técnica, que tudo resolve e tudo pode dominar. Estas ilusões já estavam presentes na visão de Francis Bacon, para quem "a inteligência se deve limitar ao registro, à classificação e à ordenação dos fatos do senso comum e que a ciência não é ou não deve ser mais do que um resumo, generalização ou prolongamento do saber adquirido na prática". Enquanto isso, Descartes , compartilhando com Bacon o entusiasmo pelo desenvolvimento das

⁴ "Do mundo do "mais ou menos" ao Universo da Precisão", in: *Galileu e Platão*, Lisboa, Gradiva, s.d.

⁵ *As encruzilhadas do labirinto*, 2, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

invenções e descobertas, postulava, ao contrário, justamente "a possibilidade de fazer a teoria penetrar a ação, isto é, a possibilidade da conversão da inteligência teórica em real, a possibilidade, a um tempo, de uma tecnologia e de uma física" (Koyré).

Deste modo as finas observações de Sérgio Buarque de Holanda se encaixam perfeitamente numa concepção que não se filia a uma epistemologia empirista e positivista. E têm o mérito de apontar para o caráter não moderno e arcaizante dos portugueses, bem como de situar a empresa navegadora como episódio de evolução da técnica, colada ao concreto e àquilo que os sentidos alcançavam. Não destoam suas observações da caracterização de Antonio José Saraiva sobre a personalidade cultural portuguesa.⁶ Este autor minimiza as referências a um "experimentalismo latente", "esboço de uma filosofia empirista à Bacon", para enfatizar o peso da escolástica tomista e aristotélica em Portugal. Perscrutando a fundo o inconsciente coletivo, por outros caminhos, ele chega a conclusões semelhantes às de Sérgio Buarque de Holanda. Esta permanência do conformismo e da falta de criatividade é que explicaria em Portugal (e no Brasil), já no século XIX, o florescimento do positivismo. Diz ele ser curioso "constatar que as esferas intelectuais portuguesas nos princípios do século XIX trocaram um catolicismo enraizado mas de baixa tensão e sem problemas, por um positivismo igualmente sem problemas e que no processo dessa troca, salvo, casos individuais, não houve verdadeira crise espiritual. Dir-se-ia que sob o aspecto teológico-filosófico a atitude nacional é a falta de empenhamento e o conformismo indiferente com o magistério ocidental, porque este passa longe do epicentro da nossa sabedoria própria". O mesmo tipo de raciocínio o leva a apontar para o fato de que, apesar de terem sido os iniciadores do mercado mundial em grande escala, os portugueses nunca constituíram um polo de acumulação capitalista. Para além da explicação econômica, o autor busca a explicação "no campo da mentalidade, isto é, da cultura". Embora tenha havido comerciantes e muito comércio marítimo, "o que parece não ter abundado é o espírito próprio do 'burguês', para quem o dinheiro é algo de abstrato e móvel que se acumula para se investir de forma a produzir mais dinheiro disponível para novo investimento.(...) o dinheiro tem uma finalidade concreta, o que é uma concepção pré-capitalista", aplica-se na compra de terra, na Bolsa, na usura, no conforto, nos divertimentos e "na ostentação que inclui a liberalidade."⁷ Temos aí mais uma forma de apego ao concreto, àquilo que os sentidos alcançam, e de recusa dos objetivos abstratos.

⁶ *A cultura em Portugal - Teoria e história - I* - Venda Nova, Bertrand, 1985.

⁷ *Ibid.* pp. 97-101.

Notas

Não Publicado

Palavras-chave: Sérgio Buarque de Holanda –
modernidade – portugueses - paraíso